



WILLS LEAL

CINEMA NA PARAÍBA
CINEMA DA PARAÍBA

PRIMEIRO VOLUME

GADANHO E OUTROS DOCUMENTÁRIOS OU POR UM CINEMA ALTERNATIVO

(“O pessoal do super-oito vem fazendo boas obras, com muitos temas polêmicos e, alguns, bastante intelectualizados” – jornal “Correio da Paraíba”, 16 de março de 1980).

No final dos anos 70 e início dos anos 80, implantou-se, na Paraíba, o chamado terceiro ciclo de realizações. Entre outros, um nome de referência é Pedro Nunes. Ele dirigiu e produziu, em co-autoria com João de Lima Gomes, o filme “Gadanhó”, em 1979, documentando as condições sub-humanas do lixão do baixo Roger, na cidade de João Pessoa. O filme “Gadanhó” dá início a um novo surto do cinema jovem produzido na Paraíba, ainda em tempo de ditadura militar, na bitola super-8. A repercussão do filme e a polêmica em torno da temática impulsionou Pedro Nunes a integrar uma nova onda de gerações brasileiras, particularmente, em São Paulo, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Rio de Janeiro, Maranhão e Ceará, gerações estas que utilizaram o super-8 como ferramenta de aprendizado e expressão visual. Nessa época foi possível vivenciar o processo de descentralização da produção filmica com registro direto em positivo e manter a economia dos custos. A miniaturização da bitola proporcionou a criação de novos espaços para circulação das obras, fortalecendo propostas de veiculação e animação cultural por escolas, comunidades e, conseqüentemente, o desencadeamento de ciclos regionais com focos pulverizados em várias cidades do país.

234

Em 1980, Pedro Nunes dirige o filme “Registro”, que capta imagens da primeira greve estudantil na UFPB, ocorrida após o golpe militar, ano de 1968. No ano seguinte, em 1981, dirige “Contrapontos”, que revela as contradições e os conflitos de diferentes ordens da cidade de João Pessoa, com depoimento do poeta Caixa D’água e a declamação de um poema à Frederica/Paraíba/J.Pessoa, de Edílson Dias e do próprio Pedro Nunes, interpretado pelo ator Luiz Carlos Vasconcelos. Nesse período realiza estágio na TV Universitária de Natal onde dirige o programa “Experimento” e ainda capta imagens de forma participativa com Sedy Marques acerca dos conflitos de terra em Capim de Cheiro – Pb.

Aliando à produção de filmes a sua formação de jornalista assim como sua atuação na UFPB, Pedro Nunes idealizou as “Mostras de Cinema Independente”, juntamente com equipe da Oficina de Comunicação da UFPB, apresentando não só a produção da Paraíba, mas trazendo experiências audiovisuais produzidas no nordeste e de outras regiões brasileiras. Essas mostras de cinema foram marcadas pela presença de cineastas mais experientes, como João Batista de Andrade, Manfredo Caldas, João Silvério Trevisan e outros. Como fonte de informação histórica, a “II Mostra de Cinema Independente”, realizada inicialmente no antigo auditório da Reitoria na Lagoa, em 1981, foi interrompida pela invasão de agentes da Polícia Federal fortemente armados que dispersaram os presentes, lançando bombas de gás lacrimogêneo no espaço do auditório. Apesar do enfrentamento, a ação policial contribuiu para publicizar a referida “Mostra de Cinema” que, no dia seguinte, foi transferida para o Teatro Lima Penante.

Nessa época, destaca-se também o papel do Núcleo de Documentação Cinematográfica da UFPB-NUDOC, coordenado por Pedro Santos, tendo, como pano de fundo, o convênio firmado com a França para desenvolvimento do “Cinema Direto” com assinatura de Jean Rouch. Sem descartar esse papel do NUDOC, Pedro Nunes associa-se a Jomard Munir de Britto que, a seu turno, propõe o NUCI - Núcleo de Cinema Indireto como forma de agregar tendências cinematográficas que não gravitavam em torno do cinema documental de base antropológica.

Em 1982, Pedro Nunes finaliza o documentário-ficção “Closes”, caracterizado como um manifesto poético sobre a sexualidade. Com esse filme, o autor inicia uma proposta de circulação de seu trabalho por várias cidades do país e do exterior, articulando-se com outros pólos de produção audiovisual e participando de festivais de cinema. Nesse processo de circulação, “Closes” foi visto, debatido e discutido por nomes como Celso Favaretto, Jean Claude Bernadet, Silvério Trevisan, Dijalma Limongi Batista, Sílvio Tendler e Maria Luíza Bemberg. A tônica dessas discussões baseavam-se na temática inovadora proposta por um filme na bitola super-8. O filme, que mobilizava e atraía grande público a cada nova sessão, teve amplo acolhimento da imprensa e dos movimentos organizados da época, sendo, inclusive, submetido à censura federal. Na estréia, antes de iniciar a sessão pública, “Closes” teve que ser submetido aos censores federais. Armados com metralhadoras, exigiram na sala apenas a presença do diretor e do cineasta Everaldo Vasconcelos.

Após esse período de permanência criativa na Paraíba, produzindo filmes, organizando seminários e mostras de cinema, Pedro Nunes segue, em 1983, para São Paulo com a finalidade de aprimorar a sua formação acadêmica na área audiovisual e vivenciar um novo ambiente profissional em comunicação. Essa permanência inicial na cidade de São Paulo, com passagem pela “Folha de São Paulo”, resulta na defesa da dissertação de mestrado intitulada: “Violentação do Ritual Cinematográfico: aspectos do cinema independente produzido na Paraíba -79/83”, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Fernando Santoro. O trabalho faz uma reflexão e sistematização desse terceiro surto de cinema produzido na Paraíba no contexto dos ciclos antecessores.

Após essa fase inicial em São Paulo, Pedro Nunes retorna ao nordeste, agora diretamente vinculado à Universidade Federal de Alagoas, onde seguirá produzindo vídeos como “Passos, Espaços, CorpoeLinguagens” (1986), em parceria com Cláudio Manoel e atuando fundamentalmente na orientação e na produção de vídeos no âmbito do Curso de Comunicação Social da referida unidade de ensino. Em Alagoas, ao lado de outros professores cineastas, como Celso Brandão e Amir Gulhermino, e como também com o crítico de cinema Elinaldo Barros, Pedro Nunes passa a influenciar e a capacitar diferentes gerações para atuação na área do audiovisual em virtude de sua atividade de ensino e de reflexão acerca daquela espécie de linguagem. Destaca-se, nessa época, o vídeo produzido em conjunto com alunos de comunicação, “24X24 auto-retratos”, que conseguiu ser veiculado em cadeia nacional. Ainda esse período é marcado por sua contribuição no âmbito do ensino do cinema e vídeo e na luta constante com projetos pela aquisição de equipamentos sintonizados com a demanda profissional para a Universidade Federal de Alagoas.

Em 1992 retorna à São Paulo para realizar doutoramento em Comunicação e Semiótica, cidade onde permanecerá por um período de 5 anos, incluindo 1 ano de estágio doutoral na Universidade Autônoma de Barcelona, tendo como tutor o Prof. Dr. Román Gubern, destacado por suas reflexões e publicações internacionais na área de cinema.

Em 1994, na Espanha, com bolsa de estudos do governo brasileiro, Pedro Nunes mantém contatos com profissionais da área e participa de vários festivais de cinema na condição de professor

pesquisador convidado, a exemplo do Festival de Cannes, na França, e do Festival Internacional de San Sebastián. Atua como conferencista em distintas cidades da Europa, realizando mostra de filmes brasileiros em Roma. Ainda na Espanha, a revista “Guia del Ócio” dedica página inteira ao cineasta brasileiro por sua estada na Espanha com Román Gubern e por uma exposição fotográfica do “Making Of e still” do vídeo poema “Cortejo de Vida”, 1992, com clicks do próprio diretor e do fotógrafo e arquiteto paraibano Roberto Guedes. O vídeo estabelece o diálogo oriente e ocidente através da leitura visual criativa de poemas do poeta paraibano Severino do Ramo, em português e coreano. Lançado no Centro Cultural Vergueiro, em São Paulo, e veiculado na TV Cultura, o vídeo ganha uma maior dimensão por sua preocupação com a pesquisa da linguagem e diálogos experimentais com suporte eletrônico e outros sistemas de representação. Ainda em Barcelona, o autor prepara a mostra Fotográfica “Variantes Arquitetônicas de Barcelona”, que teve no Brasil o patrocínio da Xerox: “The Document Company”.

Após esse período, retorna para a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo onde, sob a Orientação do Prof. Dr. Arlindo Machado, defende e publica a tese de doutoramento “As Relações Estéticas no Cinema Eletrônico: um olhar intersemiótico sobre a última tempestade e Anjos da Noite”. Ainda em São Paulo, o autor já tinha publicado o livro “Cinema & Poética”, marcando uma nova orientação reflexiva em torno do cinema e dos sistemas audiovisuais.

De volta à Alagoas, Pedro Nunes segue orientando projetos audiovisuais, envolvendo-se no programa de Pós-Graduação da UFAL, onde leciona disciplina que trabalha as relações da Literatura com o cinema. Passa a colaborar com artigos em diferentes publicações estrangeiras sobre cinema, examinando, em especial, o deslocamento do cinema, além de coordenar o portal Projeto Multi-referencial - artes visuais no ciberespaço. Nesse período destacam-se as exposições multimídia: “Poéticas do Xiquexique e Poéticas Arquitetônicas”. Após realizar, em 2003, pós-doutorado em sistemas hipermídia na condição de professor convidado da Universidade Autônoma de Barcelona, dirige o vídeo “Vozes do Penedinho”, 2005, que retrata a relação de uma pequena comunidade ribeirinha com o Rio São Francisco, particularmente no que concerne a sua necessidade de revitalização. Em “Making of”, 2005, logo após “Sertão Cultural”, 2006, que enfoca as ações cidadãs de cultura e meio ambiente do Projeto Xiquexique, na cidade de Catolé do Rocha. Como despedida de Alagoas, Pedro Nunes dirige o videoclip “Chico Santo”, com música de Basílio Sê.

A partir de agosto de 2006 retorna à Paraíba e passa a integrar o quadro de professores do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal da Paraíba.